

CORPOS MADUROS EM CENA: CONSTRUINDO UMA POÉTICA DIFERENTE

NATALIA CRISTINA DE CAMARGO¹; FILIPE IRACET FRANCO²; VICTOR JULIO MARTINS DE FRANÇA³; DANIELA LLOPART CASTRO⁴;

¹ Universidade Federal de Pelotas – nataliacmg@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – filipe.iracet@ufpel.edu.br

³ Universidade Federal de Pelotas – victorfranca468@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – danielallopauptcastro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Turno 2 é um projeto de pesquisa relativamente novo, que teve início em fevereiro de 2022. Intitulado “TURNO 2: PESQUISA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA”, é vinculado ao Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (OMEGA), grupo do CNPq e tem como principal temática promover estudos avançados sobre a dança em corpos maduros, com média de idades entre 40 e 60 anos, utilizando como técnica de base o ballet clássico em atravessamentos com outras possibilidades cênicas e coreográficas.

A proposta do estudo se configura como uma pesquisa performativa (HASEMAN, 2015) e, para tal, logo no início do projeto, foi montado um grupo de dança com pessoas que já tinham experiência prévia, com a intenção de desenvolver a investigação prática estabelecida.

Atualmente o grupo de dança conta com 17 integrantes e dois trabalhos coreográficos concluídos, “Passantes” (2022) e “Girar no escuro” (2023). É formado em sua maioria com pessoas entre 40 e 62 anos de idade, seguindo um perfil de bailarinos que já não se enquadram mais dentro das companhias de dança, onde geralmente o espaço para esta faixa etária é limitado à recreação/saúde e não com um trabalho direcionado aos palcos. Conforme coloca York-Pryce (2018), o mundo ocidental da dança é baseado na perfeição de corpos jovens, mantendo um estigma contínuo a respeito do envelhecimento. Existe um preconceito com o bailarino maduro que provoca uma falta de lugar para os mesmos devido à ênfase em uma cultura juvenil fortemente imposta na contemporaneidade. Com base nisso é que o TURNO 2 volta seu olhar à realização da dança cênica com bailarinos maduros.

Este texto traz o foco para o segundo trabalho coreográfico realizado pelo grupo, “Girar no escuro”, e seu processo criativo, descrevendo a metodologia que foi utilizada para a composição desta obra artística bem como um relato de como acontece na prática.

Utilizamos para a fundamentação teórica deste trabalho os autores Lira (2018), Vieira (2016) e York-pryce (2018) para assuntos relacionados ao envelhecimento do bailarino e etarismo. Haseman (2023), na questão da metodologia da pesquisa guiada pela prática e Soter (2012) para a criação coreográfica.

2. METODOLOGIA

O projeto segue uma linha metodológica de pesquisa guiada pela prática, a qual vem sendo desenvolvida pelo imbricamento no processo criativo em dança, junto aos estudos teóricos realizados no grupo de estudos formados por discentes do curso e pessoas da comunidade interessadas no tema de discussão.

Conforme Haseman (2015, p.44), “a pesquisa guiada-pela-prática é intrinsecamente empírica e vem à tona quando o pesquisador cria novas formas artísticas para performance e exibição.”

Sendo a criação e apresentação de obras artísticas autorais um dos principais objetivos deste projeto de pesquisa, a criação colaborativa se faz presente em seus processos. E como diz Soter (2012), é necessário um exercício dialógico entre coreógrafo e bailarino e vice-versa, fazendo com que o intérprete deixe de ser apenas um executor de movimento, tornando-se intérprete-criador. Dessa maneira, o desenvolvimento da pesquisa se dá no processo de construção das obras, junto à reflexão sobre o que está sendo produzido corporalmente.

Os encontros práticos e criativos do grupo acontecem sempre às quintas-feiras, das 19h às 21h, na sala de dança da ESEF (Escola Superior de Educação Física da UFPEL). E os encontros teóricos, com o grupo de pesquisa, são realizados quinzenalmente dentro do Centro de Artes, às terças-feiras, das 17h às 19h.

A produção de dados está sendo realizada através de registros em diário de processo, observações, gravações de vídeo e formulários. Na sequência, serão realizadas também algumas entrevistas como forma de aprofundar a compreensão dos participantes envolvidos no grupo prático.

Na sequência, apresentaremos o desenvolvimento da última obra coreográfica do grupo, a partir do entendimento das possibilidades e dificuldades de movimentação que surgiram durante os processos de composição e criação, compreendendo que é um caminho a ser encontrado ao longo da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando em novas possibilidades coreográficas, o grupo, mesmo apresentando uma heterogeneidade corporal, traz uma semelhança que é a grande parte dos integrantes possuírem uma bagagem de gêneros de dança que exigem uma verticalidade e um rigor técnico. Pensando em tirá-los da zona de conforto e fazer com que seus corpos experimentassem movimentos incomuns a eles, foram realizadas algumas proposições diversificadas.

A proposta de pesquisar as alternativas de movimentações nestes corpos foi permitindo descobrir novas maneiras de experimentar e vivenciar a dança na maturidade, e juntos, os integrantes foram se desafiando a novas possibilidades dançantes. York-Price (2018) reforça nossa intenção, ao destacar, através de um trabalho prático, a corporeidade dos bailarinos maduros, convidando a um diálogo sobre o corpo dançante mais velho e mostrando visualmente como sua prática, ao invés de sua idade, os define.

Para a realização da nova composição coreográfica foi convidada uma coreógrafa reconhecida, que trabalha com o gênero Jazz, na intenção de aproveitar a presença expressiva de integrantes com esta experiência. O grupo iniciou acompanhando com bastante êxito, visto que o jazz e o ballet clássico tem uma linguagem um pouco mais próxima em suas bases, o que acaba facilitando em virtude da bagagem que os integrantes possuem.

Esta nova composição necessitou de um comprometimento com a técnica de jazz mais presente, o que difere um pouco do processo anterior, principalmente quando observamos as células coreográficas que são utilizadas, bastante longas e mais velozes, precisando de uma agilidade maior de cada dançarino. A maioria das propostas são desafiadoras e o grupo as aceita e conduz da melhor forma possível, entretanto, algumas vezes exigem uma virtuosidade de movimentos

muito grande e que precisa ser repensada em virtude do perfil do grupo. Pois, devido à complexidade de alguns movimentos, eles já não são executados com tanta facilidade e estética idealizada pelo coreógrafo. Existe também um maior risco de lesões, devido à idade de alguns integrantes, em giros, subidas e descidas ao solo mais velozes.

Quando percebe-se dificuldades na execução durante a experimentação da célula coreográfica, realiza-se uma adaptação e, se necessário, a substituição do movimento. Algumas vezes os próprios participantes se prontificam em dizer que não podem fazer determinado movimento devido a alguma limitação pessoal, o que também é levado em consideração no momento da montagem.

Outro recurso utilizado pelo grupo foram os vídeos feitos. A cada nova célula coreográfica, passo ou modificação, o grupo gravava em vídeo para que todos tivessem acesso. Este artifício nos ajudou a identificar possíveis erros ou dificuldades nos movimentos, analisar se a composição estava evoluindo de maneira esteticamente interessante, auxiliando também a fixar melhor a coreografia, pois, sempre que necessário, recorriamos a este recurso de mídia para eventuais dúvidas que surgissem para a execução.

De acordo com Lira (2018) em entrevista realizada com uma bailarina de 53 anos, a mesma relata:

a dança se modifica, ela fica muito mais expressiva, no sentido de menos performática, utilizando menos pernas altas ou grandes giros, mas muito mais a parte expressiva do seu corpo e toda a finesse do movimento que foi adquirida ao longo dos anos (LIRA, 2018, p.134).

A coreografia “Girar no Vazio” levou em torno de quatro meses para sua construção junto ao grupo de bailarinos. Um processo longo, reflexivo, com experimentações variadas, de forma a buscar, além de um trabalho prazeroso e seguro para os integrantes da companhia, apresentar um espetáculo que seja atrativo para o público, pois um dos objetivos deste grupo, para além das pesquisas corporais, é a apresentação da cia. em diversos ambientes e eventos, a fim de aumentar a visibilidade desses corpos já maduros que se mantêm ativos na dança, provocando o questionamento e “desconstrução de muitos discursos fragmentadores e instrumentalizadores” (VIEIRA, 2016) que questionam e censuram o amadurecimento na dança.

A primeira apresentação pública do grupo foi no 8ª SIIEPE, no ano passado, com “Passantes” e tivemos uma pequena mostra da receptividade do público da universidade. Agora no novo trabalho, buscamos diversificar os espectadores, levando o TURNO 2 para apresentar nos palcos do 1º UNIFICA (Congresso dos projetos unificados do Centro de Artes UFPEL), evento aberto à comunidade, tanto acadêmica como de fora, recebendo, inclusive, público das cidades próximas. Ao final da apresentação, o grupo foi ovacionado e aplaudido em pé. Um sucesso não só para quem assistiu, mas para o elenco todo. Assim como afirma York-Pryce, mostras e apresentações como esta, tem o objetivo de “destacar e celebrar a diferença corporal do dançarino maduro em relação aos dançarinos mais jovens e exibir visualmente como sua prática, e não sua idade, os define.” (YORK-PRYCE, 2018, p. 2, tradução nossa).

4. CONCLUSÕES

Pela experiência e formação das coordenadoras do projeto na modalidade de balé clássico, as composições coreográficas estão baseadas nesse gênero de

dança. Mesmo não exigindo a execução tecnicamente perfeita dos movimentos, há a correlação da criação das sequências com a estrutura do balé, aproveitando elementos de construção cênica que podem ser explorados com habilidade e utilizados com aptidão devido às vivências prévias dos integrantes do grupo.

A constante busca por uma poética diferenciada, procurando valorizar o potencial existente nos bailarinos maduros do grupo, aparece como um dos focos principais da pesquisa, na intenção de desvelar o corpo dançante mais velho através de um diálogo visual com o público fruidor das obras.

A determinação e companheirismo são características visíveis no elenco durante todo o processo. Desde as conversas antes de se iniciar as aulas até a ajuda com o colega que tem maior dificuldade, fizeram toda a diferença no aprendizado das coreografias, atingindo a confiança de subir no palco para se apresentar.

Foi possível, também, perceber as diferentes abordagens metodológicas utilizadas por cada professor e coreógrafo durante as aulas e oficinas que já aconteceram durante a existência do projeto, culminando no enriquecimento do vocabulário dos discentes do curso de Dança (bolsista e monitores) para uma atuação futura, possibilitando o reconhecimento de linhas diversas de trabalho a seguir, maneiras diferentes de conduzir a aula e a estrutura de montagem de coreografias.

O projeto como um todo, busca ampliar e intensificar sua presença na universidade e na comunidade, através da produção e divulgação de material (teórico e prático) original sobre a dança cênica realizada com corpos amadurecidos, junto ao fomento das artes da cena voltadas a este grupo específico, contribuindo com o campo de estudos em dança.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HASEMAN, B. Manifesto pela Pesquisa Performativa. In: **Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP**, 5., 2015, São Paulo. Resumos [...]. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, 2015. Acessado em: 15 maio 2023. Online. Disponível em: http://www3.eca.usp.br/ppgac/spa/conferencias_5oSPA

LIRA, C. Quando bailarinas envelhecem: gênero, corpo e envelhecimento. *Revista Feminismos*. v. 6, n. 2, p. 129-138, 2018.

SOTER, Sílvia. A criação em dança. In: Instituto Festival de Dança (org.). **Criação, Ética, Pa..ra..rá.. Pá..ra..rá: modos de criação, processos que desaguam em uma reflexão ética**. Joinville: Pdois, 2012.

VIEIRA, M, S. A memória gruda na pele ou a dança madura do corpo. **Art Reserch Journal/ Revista de pesquisa em arte ABRACE, ANPAP e ANPPOM em parceria com a UFRN**, v.3, n.2, p. 160-177. jul./dez. 2016

YORK-PRYCE, S. Re-directing the lens. Creativity and Aesthetics. **Conference Paper**. Queensland College of Art, 2018.